

## ARTIGOS

### REPRESENTANTES E REPRESENTADOS, TUTORES E TUTELADOS

(MILTON MEIRA DO NASCIMENTO)

Há dez anos atrás, a Discurso Editorial lançava o texto admirável, *Paradoxo do Espetáculo, Teatro e Política em Rousseau*, de nosso colega Luiz Roberto Salinas Fortes.

O título da obra bem poderia ser “paradoxo da representação”, exatamente por encerrar uma questão fundamental do pensamento político de Rousseau que pode ser traduzida da maneira como passaremos a esboçá-la nas próximas linhas.

A representação nos lança num mudo coberto por uma névoa espessa, nada transparente. Já que tudo é representação, ninguém jamais se apresenta tal como é, mas sempre recoberto por uma máscara. A vida em sociedade é sempre assim, precisamente porque precisamos a todo instante prestar contas à opinião pública, prestar atenção no olhar do outro, no seu julgamento sobre nossos atos.

Se assim é em todos os planos da nossa existência, só nos resta investigar como poderia alguém escapar a esse domínio do olhar, do outro, da opinião pública. É mais fácil para nós entendermos como alguém pode se dar bem nessa névoa. Basta surfar na onda da opinião pública, corresponder a todos os olhares, enfim, nunca ser ele mesmo, mas ser sempre alguém para os olhares, para a opinião, procurando sempre obter desta um julgamento favorável.

Seria certamente um ato exemplar aquele de alguém que soubesse enfrentar a opinião pública. Aliás, é com esse objetivo que Rousseau desenha a educação do Emílio, um aluno imaginário que será preparado para não dar ouvidos à opinião pública, aos apelos da moda, aos julgamentos alheios.

Contra a opacidade da vida em sociedade - por isso mesmo definida também como o lugar do espetáculo, da representação, do fingimento e da aparência acima de tudo -, Rousseau apresenta sua concepção da verdade como transparência. É esta que nos faz respirar no meio da névoa espessa das redes de relações que se tecem para os grandes atores que só têm vida no mundo da representação.

No plano da política, pela transferência do poder legislativo, que cabe a cada um de nós, à figura do representante, estamos contribuindo para aumentar a névoa que paira sobre o palco do poder.

Não se trata de negar a idéia de representação nas esferas do poder executivo, mas tão-somente na do legislativo. Essa sutileza é importante porque, se delegarmos o poder legislativo a alguém, estaremos delegando também nossa própria vontade, o que, para Rousseau, seria pura insanidade. Como consequência, estaríamos selando nossa servidão.

Quem não possui vontade própria ou é escravo, imbecil ou menor de idade. A representação da vontade conjuga-se muito bem com a de tutela.

No palco do poder político, a representação de vontade ganha uma dimensão sem precedentes exatamente porque leva ao paroxismo a opacidade já presente em todos os domínios da sociedade. Agir em nome de, falar em nome de, por procuração, delegação etc.

Tudo isso faz parte do jogo das relações sociais, principalmente daquelas que envolvem os particulares entre si. Mas, quando se trata de “querer em nome de”, isto é da representação da vontade, a consequência é a redução do representado a uma simples coisa, a um incapaz, que terá necessariamente a necessidade de ser tutelado.

Por isso mesmo, não é exagero concluirmos que, embora a democracia representativa tenha sido considerada como um grande avanço da política no mundo moderno e contemporâneo, ela é também o regime no qual se reproduz aquilo que o movimento democrático sempre tentou combater, ou seja, a idéia de que o exercício do poder político se faz numa relação de pai para filho, de tutor para tutelado, de sábios para imbecis.

Estabelece-se, de imediato, uma relação entre cidadãos de primeira classe e cidadãos (a designação mais adequada aqui é “súditos”) de segunda.

## Sumário

<b>ARTIGOS .....</b>	<b>1</b>
Representantes e representados, tutores e tutelados .....	1
<b>EVENTOS .....</b>	<b>3</b>
XI Encontro Regional da ABRALIC .....	3
ENIL traz comunicações a respeito do humor .....	4
Boas vindas aos estudantes estrangeiros .....	5
II Feira das Profissões orienta futuros vestibulandos .....	6
Homenagem ao professor <i>JOÃO ALEXANDRE BARBOSA</i> .....	7
Colóquio: 1857 - 150 anos depois .....	8
<b>ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO .....</b>	<b>9</b>
Núcleo de História Indígena e Indigenismo (NHII) .....	9
Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU) ....	11
<b>DOUTORADO .....</b>	<b>12</b>
<b>MESTRADO .....</b>	<b>12</b>
<b>PRODUÇÃO DA FACULDADE .....</b>	<b>14</b>

### EXPEDIENTE



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**REITORA:**

Profa. Dra. Suely Vilela

**VICE-REITOR:**

Prof. Dr. Franco Maria Lajolo



**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**DIRETOR:**

Prof. Dr. Gabriel Cohn

**VICE-DIRETORA**

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

**COMITÊ EDITORIAL DO INFORME:** Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini (DTLLC), Prof. Dr. Gabriel Cohn (DCP), Prof. Dr. Pablo Ruben Mariconda (DF), Profa. Dra. Zilda Márcia Gricoli Iokoi (DH), Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão (DL), Prof. Dr. Flávio Wolf de Aguiar (DLCV) e Sra. Eliana Bento da S. A. Barros (AÇÃO) - Membro Assessor. **SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL:** Erbert A. da Silva – MTb 35870. **COORDENAÇÃO:** Dorli Hiroko Yamaoka – MTb 35815, **PROJETO GRÁFICO:** Dorli Hiroko Yamaoka. **DIAGRAMAÇÃO:** Dorli Hiroko Yamaoka. **COLABORADORES:** Mariana Pereira Lenharo e Verônica Reis Cristo. **FOTOS:** Eusebio Gregório Costa. **SERVIÇO DE ARTES GRÁFICAS:** João Fernando Querido Salvado. **IMPRESSÃO:** Gráfica – FFLCH/USP. **TIRAGEM:** 1200 exemplares.

# EVENTOS

## XI ENCONTRO REGIONAL DA ABRALIC CONFERÊNCIA DE ABERTURA ABORDA A ATUAL CRISE NO ENSINO DA LITERATURA

POR MARIANA PEREIRA LENHARO



País sobre as universidades, escolas básicas e secundárias um mal estar relacionado ao ensino da Literatura. Esse fenômeno está presente não só no Brasil – onde o MEC, entre outras medidas, substituiu a disciplina Literatura por “comunicação e expressão” no ensino médio – mas também em outros países como Portugal e França. Essas foram algumas das considerações da professora Leyla Perrone-Moisés, na conferência de abertura do XI Encontro Regional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), que abordou *O Ensino da Literatura hoje*.

Para Leyla Perrone-Moisés, o motivo dessa crise se deve a um pragmatismo que prioriza disciplinas técnicas, consideradas mais “úteis”, destinadas a

formar profissionais que melhor atendam ao mercado de trabalho. Diante dessa tendência, segundo Leyla, “muitos professores se sentiram desamparados, outros aderiram a novos pressupostos; a Literatura tornou-se um conceito tão amplo que quase sucumbiu ao termo cultura”.

Apesar dessa corrente pragmática, o advento da globalização trouxe um grande aumento de traduções e de publicações; prêmios como o Nobel de Literatura nunca tiveram mais prestígio; surgem novas feiras literárias e as que já existiam ganham crescente destaque. A Literatura como prática, portanto, não está ameaçada; o que está em risco de extinção é a Literatura como disciplina, ou seja, o ensino da Literatura.

Roland Barthes há 25 anos já anunciava que a Literatura talvez estivesse em “vias de morrer” devido, principalmente, ao “desprestígio de seu ensino”. A professora Leyla observa que, hoje em dia, o conceito de Literatura passou a ser suspeito de elitismo, fato que é usado como justificativa para sua extinção, principalmente no ensino médio. No entanto, segundo a professora, a complexidade inerente à Literatura é justamente o motivo pelo qual ela deveria ser ensinada com profundidade desde os primeiros níveis escolares. Além disso, a Literatura, em vez de ser elitista, é, pelo contrário, democratizante, afinal o livro continua sendo um objeto cultural de fácil acesso em bibliotecas públicas.

Numa defesa do ensino da Literatura, Leyla aponta motivos pelos quais se deve valorizar essa disciplina, dentre eles: “ensinar Literatura é ensinar a ler e, sem leitura, não há cultura; a Literatura é um instrumento de conhecimento e auto-conhecimento; a poesia capta níveis de fruição e percepção de realidades que outros meios não são capazes”.

O grande desafio do professor de Literatura, se-

gundo Leyla, é saber escolher as obras literárias que possam despertar em seus alunos o prazer de ler um livro. Apesar de o estudo da Literatura exigir uma boa base teórica como caráter auxiliar para a análise das obras, é preciso evitar um ensino estritamente formalista, que bombardeia os alunos de conceitos que só servem para distanciá-los do gosto pela leitura.

No desfecho da conferência, Leyla lembrou que a melhor coisa que um professor de Literatura pode ouvir de um aluno é que, por causa de suas aulas, ele passou a enxergar coisas naquele texto que antes não tinha visto. Essa é a confirmação de que o professor conseguiu ampliar os horizontes de um aluno. E isso é o suficiente para que o ensino da Literatura valha a pena.

O XI Encontro Regional da Abralic ocorreu de 23 a 25 de julho. Os cerca de 1350 inscritos puderam participar de 54 simpósios, além das mesas redondas.

Para saber mais sobre o ensino da Literatura hoje, leia o artigo de Leyla Perrone-Moisés, *Literatura para Todos*, publicado na Revista *Literatura e Sociedade*, número 9.

## ENIL TRAZ COMUNICAÇÕES A RESPEITO DO HUMOR

POR MARIANA PEREIRA LENHARO

O humor foi o assunto principal de uma série de três comunicações individuais que aconteceram no último dia do VIII Encontro Nacional de Integração em Linguagem Verbal e Não-Verbal – o ENIL. Esse encontro, que se realizou entre o dia 8 e o dia 10 de agosto, foi composto por conferências, mesas-redondas, painéis, sessões temáticas, além, é claro, das comunicações individuais, destinadas a alunos que fazem pós-graduação ou que já a concluíram.

Na *Sessão 35*, que reuniu comunicações individuais relacionadas ao humor, o primeiro assunto foi o recurso da repetição aplicado a textos humorísticos, analisando o caso específico da coluna de José Simão no jornal Folha de S.Paulo. Essa pesquisa é resultado do projeto de mestrado de Janaina Michele de Oliveira da Silva, estudante de pós-graduação da FFLCH-USP. Segundo a pesquisadora, José Simão não cria, tampouco tem uma atitude subversiva. Pelo contrário, ele somente fortalece o já dito. Essas repetições provocam em seu texto um humor para vender, ou o que

Janaina chamou de “humor de prateleira”.

Outra observação acerca da coluna de José Simão é que seu texto tem uma estrutura fixa e cabe ao colunista somente preencher a parte que se altera diariamente. Além disso, as informações a que ele se refere podem ser frequentemente encontradas no próprio jornal. Quando questionada sobre o que a levou a pesquisar esse aspecto do humor, Janaina respondeu que ela sempre foi uma ávida leitora de José Simão e queria saber por que aqueles textos lhe provocavam o riso.

A segunda pesquisadora a apresentar seu trabalho foi Maria José Nélo, doutoranda da PUC-SP. Com o tema *Cultura, papéis sociais e crônicas de humor*, ela abordou as representações culturais dos brasileiros nas crônicas. Fazendo uma leitura da crônica *Povo*, de Luís Fernando Veríssimo, Maria José demonstrou que o humor se dá diante do inesperado.

Em seguida, veio a exposição de Paulo Ramos, que recentemente defendeu sua tese de doutorado, *Tiras*

*cômicas e piadas: uma aproximação possível*, na FFLCH. O tema de sua exposição foi *A expressividade de tiras cômicas e piadas*. Paulo defende que, apesar de haver uma perda de expressividade ao se transpor uma piada oral para a forma escrita, no caso dos quadrinhos há uma recuperação de expressividade devido aos recursos próprios que eles podem oferecer, como a ilustração de figuras estereotipadas, balões que sugerem diferentes entonações de voz, entre outros.

Paulo acrescenta que não existe uma tradição de se estudar as noções visuais, mas que elas são fun-

damentais no caso dos quadrinhos, já que agregam valor a eles. O fato de os quadrinhos unirem a expressão visual e a expressão escrita torna-os mais difíceis de traduzir de uma cultura para outra. Isso porque o texto traduzido tem de estar em perfeita harmonia com os elementos visuais dos quadrinhos.

O estudo do humor e da cultura de massa tem adquirido uma relevância cada vez maior dentro da Universidade, antes resguardada à cultura erudita. Essa série de comunicações individuais são prova dessa nova tendência da academia.

## BOAS VINDAS AOS ESTUDANTES ESTRANGEIROS

POR MARIANA PEREIRA LENHARO



A Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas recebeu, no início deste semestre, 21 estudantes estrangeiros. Para dar as boas vindas e ouvir suas dificuldades ao chegar ao país e à Universidade de São Paulo, realizou-se, no dia seis de agosto, uma cerimônia de recepção.

Dos 21 intercambistas, quatro vieram por meio da CCInt (Comissão de Cooperação Internacional) da FFLCH enquanto os demais vieram pela CCInt da USP. Eles são provenientes de diversos países, como Colômbia, Alemanha, França, Holanda, Itália, Estônia e Finlândia.

Coordenou a cerimônia, a professora Maria das Graças de Souza, presidente da CCInt da FFLCH. Também estiveram presentes o professor Marcio Ferreira da Silva, do Departamento de Antropologia, a professora Maria Cecilia Casini, do Departamento

de Letras Modernas e Rosângela Duarte Vicente, funcionária da Faculdade responsável pela CCInt. Havia, ainda, três estudantes brasileiras que tinham chegado recentemente de intercâmbios internacionais, além de outros estudantes da FFLCH, que se dispuseram a dar apoio a seus colegas estrangeiros.

Para Maria das Graças, um dos principais motivos da reunião foi fazer com que os intercambistas entrassem em contato com professores e colegas com quem eles poderão contar durante sua estadia na Faculdade. Marcio Ferreira da Silva complementa que também é muito importante construir um mapa de todas as dificuldades pelas quais esses estudantes passaram para que a Faculdade possa aprimorar o atendimento a eles e corrigir falhas que possam tê-los prejudicado.

Durante o encontro, foi possível perceber que vários desses estudantes têm pouca ou nenhuma

familiaridade com a língua portuguesa. Verificou-se, então, a necessidade de se oferecer um curso intensivo de português para os estrangeiros durante as férias ou mesmo durante o semestre letivo. Um dos alunos sugeriu que se fizesse, como na Alemanha, um mural – lá chamado de *Tandem* – em que o estudante anota seu nome, contato, língua materna e língua que deseja aprender. Dessa maneira, se estabelece um contato entre duas pessoas de nacionalidades diferentes que passam a se encontrar periodicamente para exercitar os idiomas de ambos.

Outra séria dificuldade apresentada pelos estrangeiros foi quanto à moradia no Brasil. A maioria encontrou muitos empecilhos e, por isso, demorou a conseguir um lugar para morar. Um dos estudantes, por exemplo, não sabia da necessidade do CPF para se alugar um apartamento, dificuldade que poderia ser facilmente resolvida se ele tivesse recebido a informação logo quando chegou. Outros simplesmente não sabiam onde procurar. É comum que esses estudantes já tenham amigos brasileiros quando decidem vir para o país e são esses conhecidos que

os ajudam nos primeiros dias.

É visível, no entanto, a necessidade de se criar, dentro da Universidade, uma estrutura melhor de atendimento a esses estudantes, fornecendo a eles, por exemplo, uma lista de possíveis moradias – como repúblicas, pensões, casas de família ou apartamentos para alugar – logo quando eles chegam.

Os estudantes ainda expuseram suas dúvidas quanto ao uso da biblioteca, das salas pró-aluno e do Hospital Universitário e conversaram sobre a hipótese de uma ida conjunta à Polícia Federal.

O encontro demonstrou que, apesar dos avanços, ainda é preciso melhorar o atendimento aos estudantes estrangeiros recém-chegados. Como resolução de parte dos problemas, foi mencionada a possibilidade de se produzir um manual bilíngüe de como “se virar” na Universidade e na cidade de São Paulo, que seria oferecido aos estudantes no momento de seu ingresso ao país. Isso facilitaria em grande medida o processo de encontrar uma residência e usufruir de todas as possibilidades da USP e da cidade. Dessa maneira, a reunião contribuiu com idéias para melhorar a qualidade da estadia dos intercambistas no país.

## II FEIRA DAS PROFISSÕES ORIENTA FUTUROS VESTIBULANDOS

POR MARIANA PEREIRA LENHARO

O prédio de História e Geografia esteve lotado de jovens vestibulandos nos dias 9, 10 e 11 de agosto. Curiosos, falantes, tímidos, brincalhões... Alguns visitavam a Universidade de São Paulo pela primeira vez. Todos buscavam informações que os ajudassem a fazer uma das escolhas mais importantes de suas vidas: que profissão seguir. Essa foi a II Feira de Profissões da USP: durante três dias, todas as unidades de ensino da USP – dos *campi* da capital e do interior – estiveram à disposição dos estudantes de ensino médio que quisessem saber mais sobre os cursos que pretendem prestar no vestibular.

Ariane Silva de Souza, de 18 anos, planeja concorrer a uma vaga na Psicologia. Ela já veio à Feira sabendo o que queria, mas, durante o evento, teve a oportunidade de tirar várias dúvidas que tinha sobre o curso. Já Vitor Hugo Silva de Souza, também futuro vestibulando, encontrou dois cursos que lhe interessaram: Nutrição e Gestão de Alimentos.

Segundo ele, a Feira o ajudou a se esclarecer sobre esses assuntos.

O evento também cumpriu a função de aproximar os estudantes do ensino médio desta instituição que pode parecer, muitas vezes, distante e inacessível. Durante esses três dias, a universidade esteve ao alcance de todos, o que encorajou muitos a se decidirem por tentar uma vaga na USP.

Na cerimônia de abertura, estiveram presentes o professor Sedi Hirano, pró-reitor de Cultura e Extensão, Franco Lajolo, vice-reitor da Universidade, Selma Garrido Pimenta, pró-reitora de Graduação e Gabriel Cohn, diretor da FFLCH-USP. O evento também contou com a presença de diretores de outras unidades e alguns docentes. Para Sedi Hirano, um dos principais papéis da Feira é garantir que os estudantes façam uma escolha tão cristalina quanto possível e que, com isso, diminuam os índices de insatisfação e evasão dos cursos.

Selma Garrido Pimenta observou que a USP tem mantido um esforço constante em ampliar o número de vagas, além de aumentar o número de ingressantes vindos de escola pública. Para atingir esse objetivo, o Inclusp (Programa de Inclusão Social da USP) tem sido um instrumento eficiente, já que ele dá um bônus de 3% no vestibular aos alunos de escolas públicas. Selma também lembrou que existe, na USP, uma política de apoio à permanência, que inclui bolsas para os alunos mais carentes de recursos financeiros.

Para Franco Lajolo, todo o sacrifício para ingressar na USP vale a pena, já que, aqui dentro, os alunos têm infinitas oportunidades além da sala de aula, como laboratórios, núcleos de estudo, centros acadêmicos... Para encerrar a cerimônia, Sedi Hirano lembrou-se do exemplo de Florestan Fernandes. Vindo de uma família pobre, sempre estudou em escola pública até ingressar na então chamada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP para, então, tornar-se um dos mais importantes sociólogos brasileiros.

## HOMENAGEM AO PROFESSOR JOÃO ALEXANDRE BARBOSA

POR MARIANA PEREIRA LENHARO



O professor João Alexandre Barbosa costumava definir-se, simplesmente, como um leitor. Não que faltassem títulos possíveis de lhe serem atribuídos: além de escritor, crítico literário e professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, ele já foi, ao longo de sua vida, diretor dessa mesma instituição, presidente da Edusp e Pró-Reitor de Cultura e Extensão da Universidade. Pelo contrário, aquele costume era a expressão do quanto ele valorizava a leitura: "Antes de mais nada, sou um leitor, essa é a minha formação".

Um ano após sua morte, que se deu em agosto de 2006, o professor João Alexandre foi homenageado

pela Faculdade com uma exposição que ocorreu entre 23 de julho e 31 de agosto na Biblioteca Florestan Fernandes a respeito de sua vida e trajetória acadêmica. Organizada pela Biblioteca, em parceria com o Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, a exposição foi fruto do trabalho de pesquisa de Eliana Mara Martins Ramalho, chefe do Serviço de Produção Científica da Biblioteca.

Para Eliana, a exposição é importante na medida em que resgata a memória desse grande professor, que a maioria dos atuais estudantes da Faculdade não chegou a conhecer, já que ele se aposentou do Departamento de Teoria Literária e Literatura Com-

parada ainda em 1994. Além disso, é uma homenagem para quem fez tanto pela Faculdade e pela Universidade de São Paulo.

A pesquisa de Eliana começou dentro da própria biblioteca, onde ela entrou em contato com toda a produção científica do professor João Alexandre. Em seguida, veio a pesquisa nos arquivos do Jornal da USP. Na busca de imagens, Eliana contou, ainda, com a colaboração de Frederico Barbosa, filho de João Alexandre, que disponibilizou fotografias e objetos de seu pai.

Também foi importante para a exposição a colaboração da professora Maria Augusta Fonseca e de Maria Ângela Aiello Bressan Schmidt, do Departamento de Teoria Literária, o trabalho de Anderson Santana, que fez o projeto gráfico, de Alexandre José Soares Moreira, responsável pelas imagens e a colaboração de Marli Ruggeri Vieira Kuchiki, funcionária da Biblioteca.

Composta por painéis, a exposição contou a história de vida do professor, organizando-a pelos te-

mas: *Anos de formação, Trajetória de um mestre, Crítico literário, Leitor / Escritor e Carreira administrativa*. Por mais difícil que seja contar uma trajetória tão longa e importante, na exposição, ela é abordada de uma maneira sensível e criativa: em primeira pessoa, por meio de declarações do próprio professor João Alexandre, em diversas entrevistas. Dessa maneira, seu legado continua vivo dentro da Faculdade.

Para outubro, está prevista uma nova exposição no prédio de Filosofia e Ciências Sociais, desta vez sobre o professor Bento Prado Junior, morto em janeiro deste ano. Esta exposição ocorrerá simultaneamente ao Colóquio em homenagem ao professor.

Leia entrevista com professor João Alexandre Barbosa feita pelo Serviço de Comunicação Social da FFLCH, em 2004, na página:

[http://www.fflch.usp.br/sdi/imprensa/noticia/016\\_2004.html](http://www.fflch.usp.br/sdi/imprensa/noticia/016_2004.html).

## COLÓQUIO: 1857 - 150 ANOS DEPOIS

**17 de setembro de 2007**

### 9h30 Mesa-redonda 1

**MEDIADORA:** Profa. Dra. Gloria Carneiro do Amaral

Prof. Dr. Jean-Gleize (ENS Lyon) – Cães

Profa. Dra. M. Cecília Moraes Pinto (USP) – Alencar, *O Guarani* e a França

Prof. Dr. Paulo Motta Oliveira (USP) – Camilo: enfim um romancista de brios

Profa. Dra. M. Aparecida Junqueira (PUC-SP) – Baudelaire: passantes em transeleitura

### 20h Mesa-redonda 2

**MEDIADORA:** Profa. Dra. M. Cecília Moraes Pinto

Prof. Dr. Helder Garmes (USP) – Cultura caboverdiana e o colonialismo em J. Evaristo da Veiga

Prof. Edson Rosa da Silva (UFRJ) – Babel sombria por onde passa o saber

Prof. Dr. Samuel Titan (USP) – *Madame Bovary*: lei e opinião





**18 de setembro de 2007****9h30 Mesa-redonda 3**

**MEDIADORA:** Profa. Dra. Verónica Galíndez-Jorge

Prof. Dr. Michel Deguy – A herança baudelairiana: que pourrons-nous bien dire à ces âmes pieuses?

Prof. Dr. Willi Bolle – A poética baudelairiana da destruição

Profa. Dra. Andréa Saad Hossne – Bovarismo: Flaubert e Margareth Atwood

Prof. Dr. Eduardo Martins (USP) – Permanência e renovação em *O Guarani*

**20h Mesa-redonda 4**

**MEDIADOR:** Prof. Edson Rosa da Silva

Prof. Dr. Marcelo Jacques de Moraes (UFRJ) – *As Flores do Mal* e o trabalho do poema

Profa. Dra. Verónica Galíndez-Jorge (USP) – *Madame Bovary*: subjetivo e o engano do processo

Profa. Dra. Gloria Carneiro do Amaral (USP) – *Rêve parisien* em seqüência

**Departamento de Letras Modernas  
Programa de Pós-Graduação em  
Língua e Literatura Francesa**

# ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

## NÚCLEO DE HISTÓRIA INDÍGENA E INDIGENISMO (NHII)

POR MARIANA PEREIRA LENHARO

Fruto de um projeto da professora Manuela Carneiro da Cunha, o Núcleo de História Indígena e Indigenismo surgiu em 1990, com apoio da Fapesp. Esse projeto reunia alunos da pós-graduação, professores da USP e de outras universidades do estado de São Paulo. A professora Dominique Tilkin Gallois, atual coordenadora do NHII, já fazia parte do projeto desde aquela época e conta que esse início foi muito importante porque, a partir dele, formou-se, no Brasil, uma grande rede de pessoas que trabalham com a história indígena.

Dominique Gallois explica que os antropólogos estudam a história indígena utilizando uma abordagem muito diferente da dos historiadores. Os pesquisadores do NHII têm trabalhado, sobretudo, a partir de diversas problemáticas relacionadas à his-

tória, discutidas no âmbito da própria antropologia. A grande maioria deles vem dessa área, com exceção de dois, que são provenientes da Linguística. Para os antropólogos, existe uma distinção clara entre história indígena – que é a história concebida e expressada pelas próprias comunidades – e a história do indigenismo, que aborda a legislação indigenista e as instituições relacionadas aos índios. O nome do Núcleo, segundo Dominique, foi uma maneira de articular esses dois temas.

Atualmente, desenvolvem-se no NHII as seguintes linhas de pesquisa: *Redes Ameríndias*, coordenada pela professora Beatriz Perrone-Moisés, *História Amazônica*, coordenada pela professora Marta Rosa Amoroso, *Redes de Sociabilidade na Guiana Oriental: História e Etnologia Indígena* e

*Documentação Wajãpi: Memória para o Futuro*, estas duas últimas coordenadas pela professora Dominique.

Paralelamente a essas pesquisas, que engajam uma relação com comunidades indígenas, os membros do Núcleo também prestam assessoria antropológica às comunidades. Por exemplo, colaboram na idealização e instalação de um museu indígena, na curadoria de uma exposição, no encaminhamento de dossiê para a Unesco ou em ações educativas. É importante enfatizar que essas atividades em nada se assemelham às ações assistencialistas: “A gente capacita a própria população para dar continuidade aos projetos na área de educação, cultura e registro de patrimônio imaterial” – afirma a professora Dominique.

Cada projeto recebe um financiamento independente, que provém de agências financiadoras como CNPq, Capes e, principalmente, Fapesp, responsável por 60% das verbas que chegam ao NHII. Alguns trabalhos são realizados em parceria com instituições como o Ministério da Cultura, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e o Museu do Índio, que financiam certos projetos indígenas e junto aos quais os pesquisadores do Núcleo atuam como assessores. A Universidade oferece o espaço físico onde se instala o NHII e o Departamento de Antropologia dá uma contribuição importante relacionada ao fornecimento de alguns materiais.

Em decorrência de certas pesquisas, formam-se fundos documentais relativos aos temas estudados. Eles podem ser consultados por qualquer pessoa que se interesse pelo assunto. O Núcleo se empenha, agora, em disponibilizar, na Internet, as referências bibliográficas de três desses acervos: as teses sobre Educação Indígena; as cartilhas de Educação Indígena e as teses sobre Estudos Guarani. Um dos acervos mais procurados é o de Educação Indígena, já que é o único especializado nesse tema dentro da USP. Ele teve suas origens no antigo Mari – Centro de Educação Indígena do Departamento de Antropologia, fundado pela Profa. Aracy Lopes da Silva.

Uma das grandes funções do Núcleo é proporcionar uma formação complementar aos estudantes de graduação e de pós: “Aqui acontecem debates,

leituras, seminários de pesquisas, seminários externos... Então, os estudantes obtêm um complemento de formação e, às vezes, sua participação em projetos lhes permite realizar pesquisas de campo” – afirma a professora Dominique. Ela acrescenta que os estudantes bolsistas que fazem parte do NHII também são orientados a fazer, além de sua pesquisa acadêmica, produtos que possam ser consultados por um público maior – “Se tem um núcleo, é justamente para agregar produtos que possam ser oferecidos ao público mais extenso.”. Os estudantes também se revezam durante a semana para suprir as necessidades mais correntes do Núcleo, que não dispõe de nenhum funcionário.

A ausência de funcionários se agrava quando temos em conta que o NHII é muito procurado, tanto pelo público que consulta seus acervos ou envia dúvidas por e-mail, quanto por jornalistas buscando especialistas da área como fontes para suas matérias. Essa relação com a mídia e com o público externo é motivo de certa preocupação da coordenadora do núcleo.

Parte desse público, por exemplo, busca informações muito básicas sobre os índios. Para atender a essa demanda, existe a intenção, por parte do NHII, de publicar uma pequena coleção de livros que contenha essas informações mais elementares.

Quanto à imprensa, apesar de muitos jornalistas procurarem o Núcleo, é comum que eles o façam com urgência e esperando obter informações superficiais e simplistas ou declarações que confirmem idéias pré-concebidas. A professora Dominique, que já teve entrevistas distorcidas pela imprensa, considera importante que haja uma melhora nesse canal de comunicação. “A universidade é algo que os jornalistas ainda não conseguem acessar de maneira adequada, pelo menos na área de Antropologia”. Disso resulta uma cobertura falha e sensacionalista da questão indígena no Brasil.

A questão indígena – entendida como o espaço que o índio tem hoje no Brasil, seus problemas e como ele enfrenta sua realidade atual – ainda é mais discutidas em ONGs do que na Universidade, segundo Dominique Gallois. Mas um dos objetivos do NHII é justamente superar essa situação.

# CENTRO DE ESTUDOS RURAIS E URBANOS (CERU)

POR MARIANA PEREIRA LENHARO

Criado às vésperas do golpe que instaurou o regime militar no Brasil em 1964, o CERU tem o mérito de ter mantido plena autonomia de pesquisa durante o período da ditadura. Esse caráter de resistência estava também presente na professora Maria Isaura Pereira de Queiroz, uma das fundadoras e eterna incentivadora do Centro. Numa cerimônia em sua homenagem, ela narrou como conseguiu manter as portas da Maria Antonia abertas, tendo às mãos somente o guarda-chuva de sua avó, contrariando as ordens do diretor da Faculdade, que não permitira que os estudantes que participavam de uma manifestação política retornassem ao prédio.

O CERU nasceu apenas como Centro de Estudos Rurais. A professora Maria Christina Siqueira de Souza Campos, que foi presidente do Centro durante 12 anos, conta que a principal motivação de seus fundadores foi promover e incentivar a pesquisa, além de estreitar os laços com a Faculdade de Filosofia. Logo em 1968, em Assembléia Geral Extraordinária, foi determinada a mudança do nome para adequá-lo a novos interesses de seus pesquisadores: na época, a professora Eva Blay, que era da área de Sociologia Urbana, passou a participar ativamente do Centro.

## A MESTRA

A importância da professora Maria Isaura Pereira de Queiroz para o CERU é indiscutível. Em entrevista com as professoras Maria Christina Siqueira de Souza Campos, Célia Toledo Lucena e Zeila de Brito Fabri Demartini – todas elas, pesquisadoras do Centro – seu nome foi mencionado diversas vezes, sempre como alguém que deixou um grande legado a ser levado adiante.

Ao longo de sua trajetória acadêmica, Maria Isaura recebeu muitos prêmios. Em 1966, por exemplo, o Prêmio Jabuti pela melhor obra de Ciências Sociais do ano, com o livro *O messianismo no Brasil e no mundo*; em 1990, foi a primeira mulher a receber o título de Professora Emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Ela também foi a primeira mulher condecorada com o Prêmio Almirante Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia, outorgado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, sendo aclamada como a Cientista do Ano de 1997.

Suas obras têm grande repercussão no Brasil e no mundo. O livro *Mandonismo local na vida política brasileira*, um clássico da sociologia, foi recentemente traduzido para o francês – *Seigneurs ruraux et pouvoir local dans la vie politique brésilienne* – e lançado em cerimônia pública na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Sua excelência acadêmica também é reconhecida em outras áreas das Ciências Sociais: como socióloga, foi agraciada, em 2006, com a Medalha Roquete Pinto de Contribuição à Antropologia Brasileira. Mesmo depois de sua aposentadoria, a professora Maria Isaura manteve dedicação e entusiasmo com relação ao CERU.

## PESQUISAS ATUAIS

Uma das principais características do CERU é a interdisciplinaridade com que são realizadas suas pesquisas. No Centro reúnem-se pesquisadores da área de Sociologia, Antropologia, Geografia, História, Letras... Para ilustrar essa interdisciplinaridade, a professora Zeila de Brito Fabri Demartini menciona o tema do 34º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos, que aconteceu em maio de 2007: *Sociedade e Meio Ambiente*. A ele compareceram pesquisadores das áreas de Economia, Meio Ambiente, Educação, entre outros.

Atualmente, dentre as principais pesquisas desenvolvidas pelo CERU, estão: estudos nas áreas da sociologia das migrações, área muito forte dentro da qual já foram enfocados os alemães, os japoneses e os portugueses, sobre os quais existe um vasto arquivo documental; estudos rurais, que são desenvolvidos, hoje em dia, pela professora Maria Helena Rocha Antuniassi, em colaboração com a professora Rosa Ester Rossini, da área de Geografia; estudos sobre os negros, que têm sido conduzidos pela professora Neusa Maria Mendes de Gusmão, antropóloga da Unicamp; estudos sobre o espiritismo, conduzidos pela professora Alice Beatriz da Silva Gordo Lang e estudos sobre o carnaval, pesquisa iniciada pela professora Maria Isaura e levada adiante pela professora Olga Rodrigues de Moraes von Simson, que atualmente dirige o Centro de Memória da Unicamp.

O enfoque que se dá à metodologia de pesquisa também é muito valorizado no Centro e ele é motivo

de muitos convites que seus pesquisadores recebem para dar cursos em outras instituições. A coleção *Textos*, por exemplo, que é publicada pelo CERU, aborda algumas das questões cruciais a respeito da metodologia de pesquisa na área de Ciências Sociais.

É comum que, para a realização de certas pesquisas, se formem intercâmbios entre o CERU e outros núcleos da Faculdade, como o NEMGE (Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero), o CEA (Centro de Estudos Africanos) e o NEHO (Núcleo de Estudos em História Oral), por exemplo.

As verbas para as pesquisas realizadas no CERU, como acontece em quase todos os núcleos de pesquisa da Faculdade, vêm de agências financiadoras – como CNPq, Capes, Finep e Fapesp – ou de órgãos públicos – como o Ibama e a Embrapa. Existem, ainda, pesquisas que recebem apoio da iniciativa privada. Foi o caso dos estudos sobre a região de Ribeirão Preto, financiados por usineiros que tinham interesse na reconstituição histórica da própria região, processo no qual eles tinham tido um papel bastante forte. Geotec e EcoAnima são outros exemplos de empresas privadas que já patrocinaram pesquisas do Centro.

Uma das atividades do CERU – o projeto Fronteira – da qual participa a professora Célia Toledo, é financiada por uma associação internacional: a AECEI (Associação Espanhola de Colaboração Internacional). Esse projeto, que surgiu a partir do Congresso Internacional de Americanistas, em Sevilha, se propõe a estudar a fronteira entre Brasil, Peru e Bolívia. O que levou os pesquisadores a se voltarem para essa região foi a construção de uma rodovia que vai de Rio Branco até o Pacífico. Essa construção passou a provocar mudanças na região, que já é um espaço cheio de inserções culturais e peculiaridades por ser uma fronteira, para onde migram as pessoas em busca de melhores condições de vida.

#### PUBLICAÇÕES E EVENTOS

Com publicação anual, os *Cadernos CERU* divulgam não apenas as pesquisas desenvolvidas no CERU, mas também aquelas que são apresentadas no Encontro Anual de Estudos Rurais e Urbanos. Desse encontro, participam pesquisadores do Brasil inteiro. Os últimos *Cadernos* foram publicados pela Coordenadoria de Comunicação Social da USP com o apoio do Programa de Apoio às Publicações Científicas Periódicas da USP.

Já a coleção *Textos* tem sido publicada pela Humanitas, a editora da FFLCH, que também editou

*Discutindo Identidades*, tendo a última o apoio da Fapesp. Os *Textos* não têm periodicidade definida e, como foi mencionado anteriormente, são focados preferencialmente na questão da metodologia de pesquisa. No livro *Discutindo Identidades* estão inseridos os principais trabalhos do Encontro Anual de Estudos Rurais e Urbanos do ano de 2005, constituindo, portanto, os anais do evento.

Existem também publicações avulsas referentes a pesquisas realizadas no Centro. É o caso de *Olhares Lusos e Brasileiros* e *História, Memória e Imagens nas Migrações*. Esses livros foram produzidos por meio de uma associação entre o CERU e o Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI) da Universidade Aberta de Lisboa. O primeiro deles foi impresso no Brasil e o segundo em Portugal. Como o CERU tem convênios com outras universidades, algumas pesquisas também são publicadas por outras instituições.

Além do Encontro Anual de Estudos Rurais e Urbanos, o CERU também promove seminários e cursos com pesquisadores do próprio centro ou com pesquisadores visitantes. Foi o caso do professor François Bonvin, da École des Hautes Études en Sciences Sociales, que deu um curso semestral para estudantes de pós-graduação.

O CERU atende, sem compromisso algum, qualquer estudante que esteja interessado em apresentar seus trabalhos sobre algum tema relacionado aos do Centro. Esses estudantes marcam encontros com as pesquisadoras, que ouvem suas exposições e dão sugestões para suas pesquisas. Os próprios bolsistas do CERU já dão esse tipo de atendimento, indicando obras e orientando outros estudantes.

Muitos estudantes visitam o CERU para consultar sua biblioteca especializada. Esse acervo se formou por meio de doações dos pesquisadores do Centro e intercâmbio com revistas estrangeiras. Há também um vasto acervo de teses defendidas.

#### DIFICULDADES

Ocorre no CERU, porém, um problema comum a outros centros da Faculdade: a falta de espaço para armazenar adequadamente os livros e periódicos do acervo. Soma-se a isso a falta de recursos para contratar um serviço de limpeza da biblioteca. Os pesquisadores, que passam muitas horas no Centro, sofrem com problemas respiratórios por causa da poeira e o acervo, que contém obras importantes e raras, fica suscetível à sujeira e até, eventualmente, a ratos.

A falta de recursos também não permite a contratação de uma secretária. A bibliotecária do Centro, Eleni Steinle de Moraes, acumula diversas funções. Por causa disso, algumas pesquisadoras fazem doações mensais para auxiliar com os gastos do CERU.

Apesar de todas as dificuldades, o CERU continua sendo um núcleo muito reconhecido e respeitado, que não abre mão de seu compromisso com a

pesquisa e de ser um importante espaço de formação. Ao longo de seus 43 anos de existência, muitos estudantes que lá entraram ainda na graduação, fazendo iniciação científica, tornaram-se mestres e doutores. A professora Maria Christina conta que, numa cerimônia comemorativa do Centro, o então reitor Flávio Fava de Moraes fez uma brincadeira que expressou a grande força do CERU: a USP poderia acabar, mas o CERU nunca acabaria.

## DOCTORADO

### LENDAS URBANAS NA INTERNET: ENTRE A ORDEM DO DISCURSO E O ACONTECIMENTO ENUNCIATIVO

CARLOS RENATO LOPES

**Programa:** Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês

**Departamento:** Letras Modernas

**Orientador:** Profa. Dra. Anna Maria Grammatico Carmagnani

**Banca:** Profs. Drs. Lynn Mário Trindade Menezes de Souza (FFLCH), Helena Hathsue Nagamine Brandão (FFLCH), Maria Thereza Fraga Rocco (FE-USP) e Jerusa de Carvalho Chnaiderman (PUC-SP)

#### RESUMO:

Esta tese é dedicada ao estudo de narrativas do gênero lendas urbanas dentro de uma perspectiva discursiva. Com base em um corpus composto de mensagens trocadas em uma comunidade virtual sobre o tema na Internet no período entre 2005 e 2006, busca-se fundamentalmente investigar os modos pelos quais tais narrativas se situam, enquanto enunciados, entre uma ordem de discurso dotada de uma certa sistematicidade e uma instância de acontecimento único, materializada na enunciação.

Propõe-se a reflexão de que as lendas urbanas, sendo geradas no seio da vida cotidiana e trazendo elementos que fazem parte desse cotidiano de um modo bastante acessível – embora em muitos casos representando ameaças novas e impensadas –, configuram-se como

narrativas que reelaboram velhos enredos (ou intrigas) da experiência social em combinações potencialmente variadas, multiplicando-se, assim, as possibilidades de formulação de acontecimentos enunciativos dentro de uma estrutura mais ou menos estável e reconhecível. A ênfase na dimensão de prática discursiva em que as lendas se materializam – sendo elas retomadas, contestadas, (re)contextualizadas no interior dessa prática – revela o modo como tais narrativas se entrecruzam em uma rede particularmente heterogênea, frequentemente polêmica, na qual antigos medos, ansiedades e apreensões sociais são articulados e na qual os sujeitos envolvidos são confrontados com seus pressupostos de verdade e relações de poder/saber.

A partir das análises empreendidas, conclui-se que a tensão dialética entre regularidade e singularidade – ou, de forma mais geral, estrutura e acontecimento – se encontra na base mesma das práticas discursivas estudadas, manifestando-se em diferentes níveis de análise e sob uma multiplicidade de formas, que vão desde a definição do gênero lenda urbana, passando pelos movimentos de arquivamento e atualização das narrativas, até as representações identitárias construídas e reencenadas pelos textos.

**Palavras-chave:** lendas urbanas; discurso; narrativa; verdade; identidade

## MESTRADO

### THREE TALL WOMEN, DE EDWARD ALBEE: AUTOBIOGRAFIA OU CRÍTICA À SOCIEDADE NORTE-AMERICANA?

LUCIMARA BAUAB BOCHIXIO

**Programa:** Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês

**Departamento:** Letras Modernas

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Sílvia Betti

**Banca:** Profs. Drs. Fábio Rigatto de Souza Andrade (FFLCH) e Marco Antonio Guerra (ECA - USP)

#### RESUMO:

No prefácio da peça *Three Tall Women*, o dramaturgo norte-americano Edward Albee declara ter-se baseado em sua mãe adotiva para a composição de sua personagem. Por esse motivo, a crítica teatral norte-americana passou a considerar a peça simplesmente como uma autobiografia de seu autor. É fato que Edward Albee se utilizou de elementos de sua própria vida na obra, mas a peça não se restringe a isso: a autobiografia serviu de ferramenta para a realização de uma crítica contundente aos valores cul-

tivados pela classe média alta norte-americana.

Grande parte da crítica norte-americana, ao se referir à peça *Three Tall Women*, ressalta seu aspecto autobiográfico, mas não toca, de forma alguma, no aspecto de crítica à ideologia norte-americana presente na obra. Dessa forma, a presente dissertação propõe-se a identificar e analisar os elementos de crítica à sociedade norte-americana encontrados na peça *Three Tall Women*, por meio da análise dos diálogos de seus personagens. Finalmente, este trabalho também analisará a convergência entre a forma e o conteúdo nessa obra, ou seja, a forma mais adequada, escolhida pelo autor, para a exposição de determinado conteúdo.

**Palavras-chave:** Autobiografia, Crítica Teatral Norte-Americana, Ideologia Norte-Americana, Forma, Conteúdo.

## PRODUÇÃO DA FACULDADE

*Crítica Dialética em Theodor Adorno*

*Música e Verdade nos Anos Vinte*

JORGE DE ALMEIDA

A reflexão estética de Adorno é uma das chaves de nosso tempo. Convencido disso, Jorge de Almeida acompanha o surgimento de seus problemas e conceitos em meio à discussão sobre a “Nova Música” alemã, com foco em Schoenberg, travada ao longo dos anos vinte do século passado. O projeto do livro é original e inesperado. Em vez de situar a *Teoria Estética* na zona rarefeita da filosofia sistemática, onde ela se compara aos clássicos do século XIX, ele a devolve ao contexto polêmico do pós-guerra europeu, quando as questões de forma da revolução musical estavam lado a lado com as questões políticas da revolução social.





### ***Hiroshima – 1945/2007***

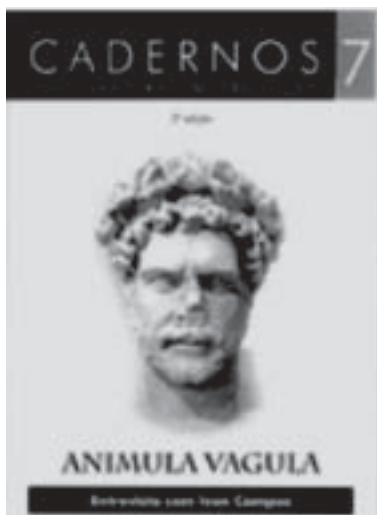
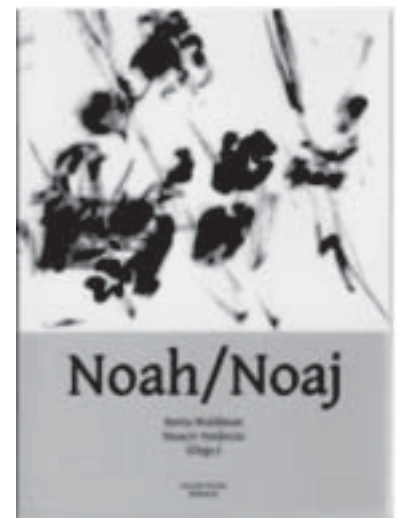
ELZA AJZENBERG E MARIA LUIZA TUCCI CARNEIRO (ORGS)

Este é um livro/catálogo que reúne imagens e textos sobre a bomba atômica que caiu sobre a cidade de Hiroshima no dia 06 de agosto de 1945. No seu conjunto, os traços, as cores e as palavras que pigmentam estas páginas traduzem as mensagens de alerta e de paz.

### ***Noah/Noaj N.16-17/2007***

BERTA WALDMAN E MOACIR AMÂNCIO (ORGS.)

Esta edição inclui ensaios críticos voltados à literatura, tradução, edição, e também textos de criação, conto e poesia, de modo a abranger a participação dos judeus na crítica literária, na criação, e também sua inserção como o outro personagem ao longo da história da literatura brasileira. Como esta edição será distribuída internacionalmente, justificou-se a inclusão de textos escritos em inglês ou vertidos para essa língua, além de dois textos em espanhol.



### ***Cadernos de Literatura em Tradução***

#### ***Animula Vagula***

n.7/2007- 2ª. Edição

Neste número apresentamos uma entrevista com Ivan Campos, filho de Haroldo de Campos, que fala sobre a poesia e traduções do seu pai e seu próprio interesse na tradução de poesia, o que pode ser visto na sua tradução do “O último poema do imperador Adriano”.



### **Taylorismo e Fordismo na Indústria Paulista**

AUGUSTO ZANETTI E JOÃO TRISTAN VARGAS

Este livro problematiza temas centrais para a compreensão do mundo do trabalho nas quatro primeiras décadas do século XX, entre eles o projeto pedagógico de Roberto Mange, as estratégias taylorismo e fordista e a organização dos industriais em associações de classe. A abordagem que a obra propõe resultou num quadro inesperado a paulistas e seus ideólogos com os projetos de organização do trabalho. Não menos desconcertante é o que livro conclui sobre a presença desses empresários na esfera das relações de poder em São Paulo e no País.

### **Simpósio Internacional Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais**

HEINZ DIETER HEIDEMANN E  
SIDNEY ANTONIO DA SILVA (ORGS.)

A Coletânea ora apresentada reúne textos das conferências, mesas redondas, comunicações coordenadas e comunicações livres, atividades que compuseram, entre outras, o programa do Simpósio. Embora as línguas oficiais da IGU-UGI sejam o inglês e o francês, foi feito um esforço para a integração, no Simpósio, da língua portuguesa, do que resulta uma relevante presença, nesta publicação.



## INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - nº 36 - setembro de 2007



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Serviço de Comunicação Social – AÇÃO

Prédio da Administração – Rua do Lago, 717  
Cidade Universitária – CEP 05508-900  
Telfax: 3091-4612 – Fone: 3091-4938

